

## O SÂNSCRITO E AS TRIBOS E LÍNGUAS PRÉ-ARIANAS

DR. THOMAS BURROW, BODEN-PROFESSOR DE SÂNSCRITO, UNIVERSIDADE DE OXFORD, INGLATERRA.

Os dois temas associados neste título parecem, à primeira vista, pouco ter em comum. Na verdade, sob muitos aspectos, estão em pólos diferentes. O fato é que a civilização sanscítica, apesar da longa duração do seu estabelecimento através da Índia, ignorou quase por completo as tribos mais primitivas. Algumas dessas antigas tribos pré-arianas, por outro lado, notadamente as dravídicas meridionais, constituíram nações consideráveis, conservando sua própria identidade e língua, e, ao mesmo tempo, sofrendo desde cedo a influência da cultura sanscítica (isto é, ariana). Além disso, na área indo-ariana, há muito perderam as populações pré-arianas, em sua maioria, a identidade tribal, tendo sido absorvidas na sociedade compósita resultante da fusão dos árias e de seus predecessores. Felizmente para os lingüistas e historiadores, não se completou de todo êste processo; e, particularmente na faixa montanhosa que atravessa a Índia Central, restam ainda ilhas demográficas que falam o munda e o dravidiano, representantes modernos da Índia pré-ariana. Em outros casos, embora adotando o falar ariano, preservaram certas tribos sua individualidade e sua cultura própria — os khasas, por exemplo (D. N. Majumdar, *The Fortunes of Primitive Tribes*, pp. 110 ff.).

A fusão dos árias com os pré-arianos pode ser demonstrada de várias maneiras; uma das mais importantes é o desenvolvimento lingüístico do indo-ariano. A língua indo-ariana foi, segundo a opinião corrente, introduzida na Índia por volta do 2.<sup>o</sup> milênio a.C.; encontrava-se então em seu período inicial — isto é, na fase védica ou, mais precisamente, pré-védica — apresentando características indo-européias quase puras. No período — mais de 3 mil anos — decorrido desde então, êste fundamento indoeuropeu não apenas tem sofrido transformação interior ininterrupta, mas vem também recebendo contínuos acréscimos de línguas pré-existentes, com cujos depositários se mesclaram os arianos invasores.

### INFLUÊNCIA DRAVÍDICA SÔBRE O INDO-ARIANO

É hoje bastante claro que a mais importante influência dêste tipo sôbre o indo-ariano originou-se do dravidiano. Em algumas das palavras

---

N. R. Conferência proferida pelo Dr. Thomas Burrow no Ramakrishna Mission Institute of Culture, Calcutá, in *The INDO-ASIAN CULTURE*, vol. 8, n.º 4.

mais comuns do sânscrito — NÍRA \* (água), MÍNA (peixe), MUKULA (rebento), KUNTALA (cabelo), TAMARASA (lotus), TÁLA (palma), etc. — reconhecem-se imediatamente os termos dravídicos usuais para os objetos correspondentes. Desde cedo, por conseguinte, focalizaram-se as atenções sôbre o problema. Robert Caldwell, sempre pioneiro nestas questões, fez uma lista de “prováveis empréstimos do sânscrito às línguas dravídicas” (*Comparative Grammar of the Dravidian Languages*, pp. 567 ff.). Algumas das identificações de Caldwell são algo aventurosas; mas, de modo geral, resistem à crítica. Já, por outro lado, sua lista de “afinidades do sânscrito”, em que supõe, para certos vocábulos, uma origem comum — levantando pois a suposição de uma relação genética — pode ser encarada como uma coleção quer de empréstimos, tal sua primeira lista, quer de semelhanças acidentais ou falsas. Outro pioneiro neste campo foi H. Gundert que, em 1869, publicou, em apoio a esta teoria, uma lista similar (*Die Dravidischen Elemente in Sanskrit*, ZDMG., N.º 23 pp. 517-30). Outra relação, muito mais extensa foi mais tarde compilada por Kippel e por êle publicada no prefácio do seu *Dicionário Kannada-Inglês* (1894).

Como resultado de seu próprio trabalho e do de Gundert, pôde Caldwell afirmar (op. cit., p. 565) que “em relação a alguns aspectos lingüísticos, o débito do sânscrito para com as línguas dravídicas parece hoje admitido por todos”, citando em seu apoio o ilustrado sanscritista europeu Benfey. Nisso, contudo, resultou ser êle algo prematuro, pois foi quase nulo o resultado prático da obra dos três autores acima sôbre os estudos do sânscrito na Europa. Podemos atribuí-lo a duas causas. Em primeiro lugar, nas listas já referidas, o verdadeiro se mistura com o falso, sendo fácil encontrar motivo de críticas — o que, até certo ponto, pode ter atuado como fator dissuasivo, levantando suspeitas sôbre a correção genérica do método de abordagem utilizado. Esta é, porém, uma causa secundária; a razão principal do esquecimento destas descobertas é o fato de, na ocasião, não darem os sanscritistas europeus praticamente atenção ao dravidiano.

É de acôrdo com esta tendência, então dominante, que o *Dicionário Etimológico do Sânscrito*, de C. C. Uhlenbeck, ignora completamente a questão da influência das línguas pré-arianas sôbre o sânscrito, embora, na ocasião, já tivessem sido apontadas várias derivações etimológicas do dravidiano, de validade comprovada. Merece menção outro traço característico de alguns dos eruditos da época — a tendência a recorrer às mais tortuosas reconstruções, a fim de encontrar, a todo custo, explicações indo-européias para palavras sânscritas. Apesar destas medidas, contudo, sempre restou considerável massa de vocabulário sânscrito refratária a tentativas desta natureza.

Hoje, cinqüenta anos após, a situação está consideravelmente melhorada, e cada vez mais se reconhece a importância da influência lingüística

---

\* Substituiu-se pelo sinal grave português a notação dos vocábulos no original inglês. (N.R.)

pré-ariana sôbre a sânscrito. Acompanhando êste moderno desenvolvimento, o novo dicionário etimológico de M. Mayrhofer dá pleno valor às influências não-arianas, reconhecendo embora as possibilidades de êrro inerentes aos estágios iniciais dessas investigações (*Kurzgefasstes etymologisches Wörterbuch des Altindischen*, Heidelberg, 1953).

## VOCABULOS DRAVÍDICOS NO SÂNSCRITO

Os vocábulos dravídicos no sânscrito estudamo-los demoradamente alhures, e não nos propomos entrar hoje em detalhes. Preferimos referir-nos a certos resultados e conclusões gerais, alcançados a partir dêste material. A importância relativa dos diversos povos pré-arianos frente aos indo-arianos reflete-se no grau de influência que exerceram sôbre a língua indo-ariana. Dêste ponto-de-vista pode-se atribuir, sem muito hesitar, lugar preponderante aos drávidas. No sânscrito clássico, é bastante considerável o número de empréstimos desta fonte; em comparação, parece pequena a influência demonstrada pelas línguas austrasiáticas kol ou munda. Há, porém, uma dificuldade quanto a êste último grupo: até agora, só se investigou pequeno número das línguas a êle pertencentes, e ainda não foi começado o seu estudo comparativo — o que, aliás, será impossível, até que se disponha de material apropriado. Mesmo assim, porém, parece praticamente impossível que tenham podido essas línguas exercer, sôbre o sânscrito, influência comparável à do dravidiano. Assim sendo, inclinamo-nos a acreditar que, nas regiões da Índia do Norte ocupadas pelos indo-arianos, a porção dravídica da população sobrepujava a fração munda.

Outro ponto importante a considerar é a época em que se verificou a maior parte dêstes empréstimos dravídicos ao sânscrito. Na literatura védica, são poucos ainda; mas a comprovação de sua existência evidencia, já naquele período, um contacto dos árias com os drávidas. Recordemos que a língua védica era patrimônio da classe sacerdotal, guardião zeloso de sua pureza contra a influência dos idiomas “mleccha” e contra as corruptelas da linguagem popular. Por conseguinte, havia provavelmente um intervalo de tempo considerável entre a adoção corrente de uma palavra no indo-ariano e sua admissão na linguagem sagrada. É provável, portanto, que muitas dessas palavras já estivessem em uso consideravelmente antes de aparecerem na literatura.

Considerando agora a literatura épica, verificamos já estar bem fixado, por esta época, o grosso das palavras dravídicas aceitas pelo sânscrito. Os épicos, em sua forma final, não serão talvez muito primitivos; mas a tradição que englobam atinge passado muito mais remoto. Além disso, essas mesmas palavras, que aparecem então nos épicos pela primeira vez, são também encontradas em grande parte nos textos páli primitivos, o que as transporta bem a montante da era cristã. Tendo em vista estas considerações, podemos fixar os períodos védico tardio e clássico primitivo como os de maior influência dravídica sôbre o sânscrito.

De referência à história posterior dêste, é verdade que, durante os séculos seguintes, continuam a surgir novas palavras de várias fontes; mas o interessante é que poucas delas parecem vir do dravidiano. Considerando em seguida o prakrit, o influxo de novos vocábulos é ainda abundante, mas a percentagem dos de origem dravídica comprovada é comparativamente pequena (uma boa lista dêstes foi compilada por K. Amrita Row e publicada no *Indian Antiquary*, XLVI, pp. 33 ff.). Também no indo-ariano moderno, há um significativo acesso de novas palavras, mas (salvo no caso especial do marata), qualquer que seja sua origem, é certo não serem dravídicas.

## ALGUMAS CONCLUSÕES IMPORTANTES

Dêses fatos decorrem fatalmente certas conclusões. Não é possível explicar a presença dessas palavras dravídicas no sânscrito atribuindo-lhes como fonte as línguas dravídicas ora existentes na Índia Meridional. Isso porque o período em que foi adquirido o grosso dêses vocábulos é anterior a qualquer contacto extenso entre o ariano e o dravidiano meridional. Começam êstes contactos no período Maurya ou, no máximo, no período Nanda, mas só a partir do período Ándhra é que se observa uma ligação íntima entre uma parte dos árias e os drávidas do sul. É possível que algumas palavras se tenham tornado correntes desta forma, mas de referência à origem da maioria delas, está fora de questão êste processo.

Somos, portanto, levados a concluir que a influência principal do dravidiano sôbre o sânscrito foi exercida por um ramo setentrional daquele. Não há absurdo nesta hipótese, visto existirem ainda hoje, no norte, algumas ilhas de dravidiano. Tais são o kurukh e o malto e, no extremo oeste, o brahuí de Beluquistão. É claro que, na pequena escala encontrada atualmente no norte, não teria o dravidiano exercido influência digna de nota. Devemos, portanto, concluir que, em certa época, teve o dravidiano circulação generalizada no norte; e também (a fim de justificar sua influência sôbre o sânscrito) que era de uso corrente em algumas das áreas principais do povoamento ariano.

A análise do tipo de vocábulos adotado pelo indo-ariano conduz a certas conclusões. Temos, em primeiro plano, a nomenclatura das árvores indianas, para a qual não poderiam os indo-arianos dispor inicialmente de terminologia apropriada, sendo portanto natural que a tomassem por empréstimo ao dravidiano. Tais são KETAKA (*Pandanus odoratissimus*), TÁLA (palma), etc. Mas, além dêstes, encontramos um número considerável de vocábulos “desnecessários” no sentido de que, ao chegarem à Índia, já dispunham os indo-arianos de termos correspondentes. Assim, temos os já mencionados NÍRA (em ariano: UDAKA, APAS) e MÍNA (em ariano: MATSYA). Casos semelhantes são: KÁNANA, floresta (ariano: VANA); KÁCA, encangado (ariano: VÍVADHA); KUNTALA, ca-

belo (ariano: KESA); e outros. É difícil imaginar como teriam essas palavras se tornado correntes no sânscrito, salvo pela existência, no norte da Índia, de considerável período de bilingüismo. A adoção desnecessária do NÍRA dravidiano lembra, por exemplo, o observado na gíria anglo-indiana, em que era comum se usar “PAWNY” pela palavra inglesa “WATER”. Era um hábito particularmente encontrado nas baixas fileiras do exército e entre os postos equivalentes de outras corporações, mas, em geral, evitado na linguagem oficial falada e escrita. Fenômeno semelhante deve ter se verificado, na Índia, em fins do período védico. A linguagem oficial tentava escrupulosamente evitar o uso dos termos “mleccha”, embora não com sucesso absoluto, pois nem sempre eram bem identificados. Por outro lado, durante o período bilingüe, deviam ter uso corrente no falar das classes baixas. Com o tempo, grande parte dêles foi elevada à condição de termos literários, e assim os encontramos nos épicos.

Outro ponto merecedor de investigação especial é a situação dêstes empréstimos no indo-ariano moderno. É interessante notar, por exemplo,, que os vocábulos KÁNANA, KUNTALA, MÍNA e NÍRA não se conservaram no ariano moderno; preservou êste, em vez, as palavras correspondentes de origem indo-ariana (assim, em híndi, BAN, KES, MACHLI); e, para o último exemplo — tendo havido uma redução excessiva no prakrit (UAA) — recorreu a uma neoformação indo-ariana. O mesmo se aplica a outros empréstimos de origem não-dravídica. Assim, para “elefante”, além do indo-ariano HASTIN, existe uma série de sinônimos — GAJA, KUÑ-JARA, MÁTANGA, NÁGA, etc. — de provável origem em línguas pré-arianas desconhecidas. De todos êstes vocábulos, porém, somente o indo-ariano HASTIN se manteve na linguagem moderna (no híndi: HATHÍ).

Esta comparativa interrupção no acesso de termos dravídicos ao vocabulário indo-ariano indica que, em certa época, aquêlo ramo dravidiano de largo uso no norte da Índia — origem da maior parte do elemento dravídico no sânscrito — foi completamente substituído pelo indo-ariano. Claro que há ainda no norte, como já foi dito, ilhas remanescentes do dravidiano, que devem ter sido mais numerosas em tempos anteriores; mas êstes remanescentes jamais poderiam afetar sèriamente o indo-ariano, como, aliás, já vimos. Interessante também é que, neste período posterior, não há influência significativa das línguas dravídicas meridionais sôbre o indo-ariano; donde se conclui que muito menos teria havido nos períodos mais remotos, quando era mínimo o contacto entre estas populações e os indo-arianos. Só nos resta, portanto, uma possibilidade — a de uma ocupação extensa, por povos dravídicos, das primitivas áreas de povoamento ariano.

## FONTES NÃO-DRAVÍDICAS

Discorreremos principalmente, até agora, sôbre as populações de fala dravidiana e sua influência no indo-ariano. É chegada a hora de colocar esta influência na devida perspectiva, visto se encontrar no sânscrito (e nos estágios posteriores do indo-ariano) muitos vocábulos que, não sendo de

origem dravídica, foram portanto tomados a alguma outra fonte ou fontes pré-arianas. Alguns, naturalmente, podem ser — e foram — levados à conta do austrasiático; mas permanece comparativamente pequeno o número de certezas absolutas a respeito. Pesquisas outras aumentarão, sem dúvida, êste número; ao nosso ver, porém, depois de tôdas as buscas nesta direção, restará ainda no sânscrito considerável quantidade de empréstimos que não poderão ser atribuídos nem ao dravidiano nem ao munda. Poderá mesmo se verificar que o número de vocábulos de derivação inexplicada supere aquêles cuja origem se possa identificar. É, pelo menos, a impressão que se tem de referência aos nomes de plantas, uma vez que, até agora, apenas uma minoria das palavras não-arianas respectivas foi explicada à luz das duas famílias lingüísticas em questão. Se tomarmos, por exemplo, a designação da jujuba (*Zizyphus jujuba*, Lam.), encontramos quatro sinônimos, todos de origem não-ariana: KUALA ou KOLA, KARKANDHU, BADARA, e GHONTÁ; e nenhum pôde ser atribuído quer ao dravidiano quer ao munda. A evidência nos leva, pois, a concluir pela existência de várias línguas ou famílias lingüísticas não-arianas, a exercer influência no vocabulário indo-ariano.

Podemos agora sumarizar rapidamente as conclusões sugeridas pela análise dos vocábulos não-arianos do sânscrito. Em primeiro lugar, concluimos que deve ter havido uma forma do dravidiano em grande curso no norte da Índia antes do advento dos árias; e que, em consideráveis áreas, foi esta a língua deslocada pelo ariano. É aí que se deve buscar a fonte principal da maioria dos empréstimos dravídicos no sânscrito, e não no dravidiano meridional que hoje conhecemos. Fora as ilhas de língua dravídica existentes no norte — algumas das quais ainda permanecem — o processo de substituição do dravidiano pelo ariano completou-se antes da era cristã; e, coincidindo com isso, a admissão de palavras dravídicas ao vocabulário sânscrito se reduziu a pequenas proporções. De referência ao kol, ou munda, a relativa escassez, no sânscrito, de palavras desta fonte — recordemos, contudo, que muitos membros desta família são ainda quase desconhecidos — fala contra a hipótese de que, na ocasião, as línguas desta família se estendessem muito mais para o oeste do que atualmente. Os dados até agora disponíveis sugerem que, tal como hoje, se restringiram estas línguas na Antigüidade à Índia Oriental. Apoiando esta conclusão, mostram suas correlações genéticas que sua introdução na Índia se fez pelo leste. Para finalizar, é sempre importante ter em mente que numerosas línguas ora extintas tinham livre curso na Antigüidade, que essas línguas também influenciaram o vocabulário indo-ariano, e que muitas delas devem ter pertencido a outras famílias que não o dravidiano e o munda.

#### DESLOCAMENTOS TRIBAIS.

Resta-nos agora pôr à prova estas conclusões, obtidas de uma análise dos empréstimos no sânscrito, pela utilização dos seguintes critérios:

- a) correlação com certos aspectos etnológicos e lingüísticos;

b) exame de alguns trechos de literatura sanscítica referentes à população pré-ariana.

No primeiro item, merece particular atenção o problema dos trechos montanhosos e florestais da Índia Central. Em Madhya Pradesh, predomina o grupo tribal dos gonds. Estendem-se atualmente por uma enorme área, da qual era costume considerá-los os primeiros ocupantes. Vai se tornando cada vez mais claro, porém, que sua presença na maioria das áreas que atualmente ocupam é devida a uma migração comparativamente recente. Há evidência lingüística razoavelmente definitiva de qual a sua área de origem. Em primeiro lugar, mostra sua linguagem traços indubitáveis de uma ligação mais íntima, dentre todos os idiomas dravídicos, com o kuikuvi; e, em segundo lugar, tivemos recentemente notícia de uma tribo em Koraput, os Konda Doras, cuja língua, apesar de não ser simplesmente um dialeto gondi, mostra caráter pronunciadamente gondóide (S. Bhattacharya, '*Konda Language*', *Bulletin of the Department of Anthropology*, II, pp. 17-48). São fatos que levam a uma conclusão óbvia: o ponto-de-partida da expansão gond estava ao Sudeste da área que presentemente ocupam, tendo se processado sua migração na direção geral Norte-Oeste. Podemos, pois, presumir a inexistência de gonds na região vindhyana e montanhas circunvizinhas da Índia Central, na Antigüidade; suposição apoiada pelo fato de que, na literatura sanscítica clássica, são completamente desconhecidos.

As migrações e deslocamentos populacionais em geral parecem ter sido contínuos nesta parte da Índia. Outro caso comprovado de migração comparativamente recente de sujeitos falantes do dravidiano é o dos kurukhs ou oraons, em Chota Nagpur (sobre a migração dos kurukhs, ver S. C. Roy, *The Oraons*, cap. I). São recém-chegados ao planalto, onde se instalaram entre os mundas, deslocando-os parcialmente. Habitavam anteriormente o distrito de Shahabad, em Bihar, e suas tradições referem uma migração ainda mais antiga, subindo o vale do Narmadá, desde a Índia Ocidental. É bem aceitável esta origem ocidental dos kurukhs; mas uma outra teoria, que os julga originários da Índia Meridional, nada tem a comprová-la, e uma suposta semelhança especial entre o kurukh e o canarês (kannada), a que freqüentemente se faz menção, na realidade não existe.

Levando em conta êsses deslocamentos tribais relativamente recentes, resulta haver, na Índia Central, uma área bastante considerável sem demonstração positiva de povoamento dravídico primitivo. É claro não haver também prova em contrário: as tribos atuais, identificáveis aos habitantes primitivos dessas regiões, supõe-se que tenham perdido seus idiomas originais — ora, *poderiam* êstes justamente ser línguas dravídicas hoje extintas. Por outro lado, essas línguas podem ter sido de natureza completamente diferente; e não é improvável que as únicas formas do dravidiano atualmente em uso nessas áreas sejam, justamente, aquelas de, como já vimos, introdução relativamente recente.

As migrações tribais não se restringiram, é claro, às tribos dravídicas. Voltando ao grupo kol, ou munda, parece haver razão para lhe atribuir o mesmo fenômeno, de referência a pelo menos uma de suas tribos, os korku. No mapa do *Linguistic Survey of India*, volume IV, pode-se ver este idioma localizado à parte do resto da família, mais para o oeste, isolado por considerável extensão territorial em que não se fala o munda. São várias, sem dúvida, as explicações possíveis; a mais provável, contudo, é que se tenham separado do grupo principal dos kols, situado na Índia Oriental, migrando para o Oeste. Corrobora esta suposição o fato de pertencerem estas línguas a uma grande família, encontrada em todo o Sudeste da Ásia; e tudo indica que sua presença na Índia seja devida a uma imigração a partir do Leste. Neste caso, o elemento populacional mais antigo na região montanhosa da Índia Central não seria nem kol nem dravídico.

Há, na região, várias outras tribos, plausíveis representantes da camada populacional pré-gond e pré-kol. Bem conhecidos são os baigas, a quem freqüentemente se tem atribuído esta condição. Diz, por exemplo, o *Mandla District Gazetteer*: “Sua origem é obscura mas, quase com certeza, são de fixação anterior aos gonds e. . . foram, por estes, gradualmente impelidos para as brenhas de Mandla Oriental”. Do mesmo modo, observa Verrier Elwin, em seu estudo sobre os baigas: “A pouca evidência disponível sugere que a colonização baiga seja a mais antiga de todas” (*The Baiga*, p. 4). Isso fá-lo adiante sugerir ter havido dois estabelecimentos de raça munda ou kolariana; o primeiro, representado pelas tribos bhar, bhuiya, baiga e afins, que perderam inteiramente suas próprias línguas; e, o segundo, pelas tribos que falavam o munda propriamente dito. Mas, como não temos notícia segura das línguas originais do primeiro grupo, presumir-lhes gratuitamente origem kolariana seria eludir a questão. Há, por conseguinte, muito em favor da solução, mais radical, proposta por W. Kopper em sua obra sobre os bhils (*Die Bhil in Zentral Indien*, Viena, 1948; cf. também seu artigo no *Internationales archiv für Ethnographie*, XLI, pp. 141-52). Tendo em primeiro lugar estudado os bhils, passou em seguida a examinar, para fins de comparação várias outras tribos centro-indianas, particularmente os nahals. Vivem estes últimos na mesma região que os korkus mas, na opinião de Kopper, são mais antigos nesse território. Além disso, acentua ele o fato de que os baigas e tribos afins são distintos tanto dos drávidas quanto dos mundas. Encontra, assim, um grande grupo de tribos não-mundas e não-dravídicas, espalhadas por uma grande área; e, ao mesmo tempo, faz questão de observar ser desnecessário supor que estas tribos formem, entre si, um grupo homogêneo.

A teoria de Kopper representa um afastamento brusco da tradição usual nos estudos etnológicos indianos: tudo o que é pré-ariano só pode ser ou dravídico ou munda. Pelo menos no caso do nahali, parece sua teoria ter algum apoio lingüístico. Os nahals, que vivem, na atualidade, sempre em íntimo contacto com os korkus, preservaram, apesar disso, uma língua própria — isto é, um pequeno número deles o fez — que não pa-

rece ser nem dravídica nem munda. Por muito tempo, dispusemos de pouquíssima informação a respeito. Diz o *Amraoti District Gazetteer*: “Os nihals, servos dos korkus, falam também a língua dêstes. Tinham, a princípio, uma língua própria, hoje em rápida desapareição. Nada se sabe de suas afinidades, e os poucos que ainda a falam enxertam-na de tantas palavras korkus e maratas que se tornou difícil obter qualquer conhecimento definido (sobre ela)”. Colheu-se, para o *Linguistic Survey of India*, pequena quantidade de material referente a esta língua; mas lamentavelmente sofreu, neste trabalho, má interpretação, pois foi classificado entre os idiomas mundas. Muito pelo contrário, frisou R. Schafer, as provas existentes sugerem que o nahali foi originalmente independente tanto do munda quanto do dravidiano (*Ethnography in Ancient India*, p. 13). Recentemente, os informes disponíveis sobre este idioma foram consideravelmente ampliados pelas pesquisas de S. Bhattacharya (*Indian Linguistics*, XVII, Taraporevala Volume, 1951, pp. 245-58).

Encontramos, assim, duas linhas de investigação independentes, tendendo à convergência. De uma parte, a investigação do vocabulário sânscrito mostra que, paralelamente a uma forte influência do dravidiano e a uma influência munda que não é tão grande, mas existe, é necessário admitir a existência de outras línguas e famílias lingüísticas pré-arianas; só assim se poderá explicar a aparição, no sânscrito, de grande número de palavras. Por outro lado, citamos pesquisas etnológicas que concluíram pela existência, na Índia Central, de tribos não-dravídicas e não-mundas; apoiando esta teoria, temos a presença, na região, de pelo menos uma língua que não pertence nem a um nem a outro grupo. O que se verifica na Índia Central representa, sem dúvida, a situação original no norte e no sul do país; é que a adoção universal do indo-ariano no norte e, no sul, do dravidiano mascarou a diversidade lingüística primitiva.

## TRIBOS PRÉ-ARIANAS NA LITERATURA SANSCRÍTICA

Devemos ter em mente tôdas estas considerações, ao analisar as referências da literatura sanscrítica aos povos pré-arianos. É preciso lembrar, de início, que a distribuição tribal não seria necessariamente a mesma de hoje. Não encontramos, por exemplo, referência aos gonds — o que seria impossível se já possuíssem a posição dominante que hoje assumem entre as tribos da Índia Central. Já fizemos notar as razões por que atribuir a presente extensão dos gonds a uma migração comparativamente recente; a ausência de menção dêles na literatura sanscrítica clássica vem em socorro desta opinião.

Não somente os gonds, mas a maioria dos nomes tribais hoje existentes são desconhecidos do sânscrito. Observa-se, no término do período clássico, a utilização de certas palavras, — PULINDA e SABARA por exemplo — num sentido bastante amplo; resulta que são imputadas a várias tribos de localização diversa, não apresentando, pois, conotação étnica. Não assim em épocas anteriores. Esses dois vocábulos desde cedo

aparecem no *Aitareya Bráhmāna*, onde, segundo mostra o contexto, se referem a tribos específicas. Assim também nas inscrições de Asoka e em pelo menos algumas das referências epopéicas. Devido à sua precoce ocorrência, devem êsses termos ser interpretados à luz da extensão assumida pelo árias em fins do período bráhmāna, bem menor então do que se tornou depois. Parecem situar-se essas tribos, ao lado dos paundras, mutibas, ándhras, etc. como os vizinhos imediatamente ao sul e ao leste dos reinos arianos, com os quais mantinham relações de paz e de guerra. São representados convencionalmente como ksatriyas de origem, degradados pela não-observância dos ritos védicos. Sua posição geográfica deve ser buscada na orla imediata do território ariano de então e, tanto quanto podemos saber, ocupavam os pulindas e sabarā a mesma região vindhyāna a que já nos referimos. Perderam estas duas tribos há muito sua identidade e, desde então, vêm se usando indiscriminadamente seus nomes para indicar tôda e qualquer tribo selvática. É, portanto, extremamente duvidoso que os modernos savaras do Ganjam tenham algo a ver com o povo mencionado na antiga literatura sanscrítica. Seria, também, um passo duvidoso identificá-lo com outros povos do mesmo nome, registrados em várias regiões da Índia Central. Os bhils (em sânscrito bhillas) são mencionados muito mais tardiamente, quase nos fins do período hindu; embora tenha às vêzes êste vocábulo — tal como sabarā e pulinda — uso puramente genérico, designa quase sempre o povo ainda conhecido pelo mesmo nome. Indicam as referências literárias que êstes bhillas se situavam no sul do Rajastão e áreas adjacentes do Gujarat — o que está de acôrdo com a evidência lingüística, já que o tipo de dialeto gujaráti falado por essa tribo sugere-lhe como origem a porção setentrional da área que ora ocupa. Assim como os gondes e outros, parece que também os bhils ampliaram seu território por migração comparativamente recente, embora, no seu caso, o deslocamento fôsse para o sul, enquanto o dos gondes se fêz em direção norte. Parece também que, antes de sua expansão rumo ao sul, perderam a língua pré-ariana que talvez possuísem, não havendo possibilidade de se lhe encontrar qualquer remanescente.

Os ándhras apresentam um problema que vem causando considerável confusão, embora não nos pareça insolúvel. Êste termo é, há muito, de uso corrente para designar a língua, a região e o povo telúgu; foi, mesmo, a designação escolhida para o novo estado que se acaba de organizar, abarcando tôda a população de língua telúgu. No entanto, êsse mesmo vocábulo, tal como usado em textos primitivos, como o *Aitareya Bráhmāna* e os editos de Asoka, parece indicar mais ou menos claramente, como *habitat* da tribo, o Decão Ocidental. Na mesma direção aponta a história política. A dinastia ándhra ou sátaváhana, família que, segundo os purānas, pertencia à raça ándhra (a expressão é ándhra-játīya), floresceu logo no início do seu período de preponderância na Índia Ocidental. Mais tarde, vieram a incluir seus domínios a área telúgu, no leste, e é provável que o centro de gravidade de seu poderio tenha,

eventualmente, para aí se transferido. Nossa sugestão é, portanto, de que, como resultado desta mudança política, o termo “ândhra” veio a ser usado para designar uma região e, eventualmente, uma população e línguas diferentes. Quanto aosândhras originais, não desapareceram por completo; são ainda representados pelos andhs, tribo não-ariana de Berar. Devemos também notar que a forma prakrit deste vocábulo (com o sufixo “k”) é representada pelo nome da tribo andhaka que, na história hrsna, está localizada na Índia Ocidental, em íntima conexão com os vrsnis. É evidente, portanto, ter sido esta uma das maiores e mais importantes tribos pré-arianas mencionadas na literatura sanscítica.

Outra tribo pré-ariana de freqüente menção no sânscrito é a dos ábhíras. Sua localização é fixada no Rajastão, tendo em vista suas relações tradicionais com Vinasana, o local em que o rio Sarasvatí desaparece nas areias — desaparecimento atribuído à repugnância que sente o rio pelos citados ábhíras. A posição geográfica dos ábhíras é quase idêntica à dos bhils, de aparecimento posterior, parecendo ser essa a antiga designação da mesma tribo. Próximos aos ábhíras viviam os gurjaras, tribo muito diferente, que aparece na história indiana em data comparativamente tardia. Não comparecem antes do VI século a.D.; mas, uma vez chegados, desempenham papel dominante no norte da Índia, durante os quatro séculos seguintes. Seu aparecimento súbito, aliado à imensidão de seu impacto, representou sempre — e com justiça — um problema para os historiadores. Por muito tempo foi costume supor que proviessem do Exterior, juntamente com os múnas, ou mais ou menos na mesma época; mas esta teoria parece ter sido abandonada, por falta de comprovação histórica. Eis, aparentemente, a explicação mais satisfatória; seriam os gurjaras um antigo povo pré-ariano, domiciliado na região do monte Abu; como outros antes deles, conseguiram, através de circunstâncias favoráveis, adquirir o domínio político de grandes extensões territoriais, durante considerável período de tempo. É praticamente certo que, já de início, dispusessem de idioma próprio; assim, grande parte dos nomes próprios correspondentes ao período gurjara (anahilla, etc.) parece não poder se derivar nem do sânscrito nem do prakrit. Nêles, por outro lado, nada podemos encontrar que sugira uma conexão kol ou dravídica.

Merecem menção muitas das outras tribos pré-arianas que aparecem na literatura sanscítica. Os barbaras, também conhecidos dos gregos e localizados perto da embocadura do Índus, preservavam, ainda no tempo de Kumárika, uma linguagem própria. Os khasas, das regiões do Himalaia, figuram com bastante proeminência e, embora tenham adotado o falar indo-ariano, conservaram até hoje sua identidade tribal. No noroeste da Índia as relações geográficas mencionam numerosas tribos, algumas das quais aparentam fisionomia não-ariana (tanganas, kiras, etc.). Outras antigas tribos e castas que se deve, provavelmente, considerar não-arianas são registradas com os nomes de dáseraka, párasava, káraskara, etc. O termo “nisáda”, significando originariamente um aborigene indeterminado, parece, em certos contextos, representar uma tribo específica.

Também o nome “GUHA”, do caudilho nisáda encontrado por Ráma, não foi escolhido por acaso; como se pode verificar em várias listas geográficas e tribais, trata-se de uma denominação étnica aplicada a outra tribo pré-ariana.

Julgamos necessárias algumas palavras a respeito do emprêgo do termo “NÁGA” em relação às tribos não-arianas. Um belo exemplo é o relato dos puránas sôbre a ascensão, no norte da Índia, depois do declínio da dinastia kusána, de várias dinastias nága, reinantes nas regiões de Mathurá, Padmávati, e outras que tais. No caso de uma dessas dinastias, a dos bhárasivas, as declarações dos puránas são corroboradas por evidência epigráfica. É indubitável que algumas das dinastias de origem não-ariana conseguiram estabelecer sua autoridade como resultado do vácuo criado pela retirada dos kusánas. Além disso, porém, freqüentemente se afirma que essas dinastias pertenciam a uma tribo nága — atribuindo-se-lhe pois a condição de tribo não-ariana específica, como as anteriormente citadas. Torna-se assim necessário frisar que não existia essa tribo na antiga Índia. Nem nas relações geográficas nem nas listas de castas (onde outras denominações tribais, como ándhra, sabara, pulinda, etc., aparecem regular e freqüentemente) jamais se menciona qualquer tribo nága. Os nágas existiram somente na mitologia e, como seus atributos e características são bem conhecidos, é inútil esmiuçá-los aqui. A utilização do termo em conexão com dinastias pré-arianas, como as acima mencionadas, resulta de uma convenção, assim estabelecida: os pequenos senhores, originários de tôda espécie de tribos, acostumaram-se a datar a origem de suas famílias da união de uma personagem qualquer com uma virgem nága. Este costume tornou-se definitivo tanto na Índia quanto no sudeste da Ásia. A tribo de que, na verdade, se originavam êsses chefetes era, geralmente, bem conhecida, afastando a questão da real existência de uma tribo nága. No caso das supracitadas dinastias nága da Índia setentrional, encontra-se uma pista para sua origem no nome da mais importante delas, os bhárasivas. A teoria dêstes — de que assim se denominaram porque seus ancestrais tinham carregado nos ombros o “linga” de Siva — é uma invenção *ad hoc* de caráter corriqueiro. Se, realmente, desejavam os bhárasivas sanscritizar seu nome, melhor seria considerar sua primeira parte como um equivalente (ou melhor, talvez, como uma forma “vrddhied”) do nome da tribo bhar, que ainda hoje aparece como uma das mais importantes castas pré-arianas de Uttar Pradesh.

## FILIAÇÃO LINGÜÍSTICA DAS TRIBOS

De referência à filiação lingüística das várias tribos mencionadas na literatura sanscítica, nada, infelizmente, se pode dizer em definitivo. Algumas delas deixaram de existir e as remanescentes adotaram uma ou outra forma de língua indo-ariana. A única afirmativa agora possí-

vel neste campo relaciona-se às tribos de localização comprovável na área dravídica e kol. Os tamils ou dravidas são de menção não muito tardia, a partir de algum tempo após o período védico. Alhures, dentro do território sul dravídico, encontramos nomes regionais — KUNTALA, MAHISAKA, etc. — que não são associados a divisões lingüísticas. Já foi acima notada a ambigüidade do termo “Āndhra”. As tribos localizadas na Índia Oriental, particularmente os odras e os pundras, podem pretender a condição de colarianas antigas; a última (na forma “vrddhied” PAUNDRA) é já conhecida nos tempos védicos. Menciona os manu, juntamente com os yavanas, dravidas, etc., como ksatriyas que perderam sua categoria pela não-observância dos ritos védicos — o que equivale a dizer que constituíram reinos não-arianos independentes. Não há dúvida que, no decorrer da história de Orissa, muitas das dinastias posteriores tiveram a mesma nacionalidade, embora usassem de religião brahmanizada e adotassem o sânscrito como língua oficial. Podemos citar os bhaumakaras, a primeira parte de cujo nome corresponde, em sentido e derivação, à denominação moderna desses aborígenes — bhumij e bhuiya — enquanto o segundo termo pode representar a sanscritização do vocábulo kolariano para “homem”.

No caso das tribos dravídicas setentrionais hoje existentes, parece haver possibilidade de sua identificação em algumas referências sanscricas. O Padre Grignard, num artigo em que, além desta, apresenta outras teorias demasiado especulativas, identificou os kurukhs com a tribo kárusa da literatura sanscrica (comumente pronunciada karúkha); nisso é apoiado por Sarat Chandra Roy. Fundamenta-se esta identificação em conexão com outra tribo, os maladas. Este par — kárusa (karukha) e malada — corresponde perfeitamente às tribos modernas kurukh e malto, aparentadas entre si; e, como a semelhança de nomes se estende a ambos os membros do par, a possibilidade de uma parecença casual é consideravelmente reduzida.

Quanto aos brahuis, poderão seus ancestrais estar representados em alguns casos, pelo nome sânscrito bálhika (bálhika) tendo em vista a semelhança óbvia entre os dois vocábulos. É verdade que, usualmente, se considera este nome sânscrito como representante do médio iraniano bálxi, de báktri, isto é, bactriano; e assim pode ser, em alguns contextos. Alguns há, contudo, em que não parece ter este significado. Poderemos citar, no *Atharva-Veda*, referência a um povo deste nome (bálhík); ora, de acôrdo com o sistema usual de contagem de datas, ocorreria então esta forma séculos antes de se ter produzido a transformação fonética médio-iraniana acima citada. Também de grande significação é a referência feita por Candra, na inscrição da coluna Mehrauli: pretende ele ter dominado os bálhikas, depois de cruzar as sete bôcas do Índus. Este trajeto não o levaria à Bactria, mas sim à região atualmente habitada pelos brahuis.

Seria possível citar muitos outros exemplos de menção aos pré-arianos na literatura sanscítica. Poder-se-ia, não fôra a carência de tempo, discutir em muito maior detalhe as referências que apresentamos. Há ainda outros aspectos da fusão dos arianos com os pré-arianos — no campo religioso, por exemplo — que não pudemos incluir na presente discussão. Julgamos, contudo, que os assuntos aqui abordados — a influência das línguas pré-arianas sobre o indo-ariano e a extensão em que figuram na literatura sanscítica e na história indiana — foram suficientes para demonstrar a importância de sua contribuição ao amálgama da civilização hindu. É de se esperar que pesquisas posteriores, neste e noutros campos, venham confirmar e fortalecer estas conclusões.

#### SANSKRIT AND THE PRE-ARYAN TRIBES AND LANGUAGES.

*The Author states that in classical Sanskrit the number of words borrowed from the Dravidian tongues is considerable, being small the influence shown by the Austro-Asiatic Kol or Munda languages. The main Dravidian influence on Sanskrit was exercised by a Northern Dravidian. It is important to have in mind that numerous languages — also influenced the Indo-Aryan vocabulary, and that many of them must have belonged to families other than Dravidian or Munda.*

*An investigation of the Sanskrit vocabulary shows that, while the influence of Dravidian is strong, and that of Munda is not so strong but nevertheless exists, we have to assume the existence of other pre-Aryan languages and language families to account for the large number of words in Sanskrit.*

#### LE SANSKRIT ET LES PRÉ-ARYENNES TRIBUS ET LANGUES.

*L'Auteur écrit que dans le sanscrit classique le nombre de mots empruntés aux langues d'origine Dravidienne est considérable, l'influence démontrée par les langues austro-asiatiques Kol ou Munda étant petite. L'influence principale du Dravidien sur le sanscrit e été exercée par une branche septentrionale. Il est important d'avoir présent à l'esprit que de nombreuses langues — ont aussi eu de l'influence sur le vocabulaire indo-aryen, et que beaucoup ont du appartenir à d'autres familles que la Dravidienne et la Munda.*

*Une investigation sur le vocabulaire sanscrit montre que pendant que l'influence dravidienne est forte et celle de Munda n'est pas si forte mais qu'elle existe, nous devons admettre l'existence d'autres langues aryennes et familles de langues pour expliquer l'apparition, dans le sanscrit, d'un grand nombre de mots.*